

VIAJANDO COM O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

ENTREVISTA COM MICHEL ESPAGNE

MICHEL ESPAGNE, historiador francês da cultura, criou o conceito de transferências culturais com Michael Werner nos anos 1980. Espagne é diretor do *labex TransferS* desde 2011 e conta seu sentimento sobre o passado, o presente e o futuro daquele conceito em uma entrevista que ocorreu em 9 de janeiro de 2018 na École normale supérieure de la rue d’Ulm em Paris (França).¹ A entrevista foi realizada por **Alexandre Fontaine**, pesquisador vinculado ao Institut für Bildungswissenschaft da Universidade de Viena (Áustria) e dedicado ao estudo das transferências culturais e da circulação de saberes no campo educacional. Contato: fontaine.transferts@gmail.com

* * *

Alexandre Fontaine: *Se não me engano, o conceito de transferência cultural foi elaborado originalmente a partir da figura de Heinrich Heine, não?*

Michel Espagne: De fato, Heine tenta implantar na França a filosofia clássica alemã (hegeliana). Em seu *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland (Para a história da religião e da filosofia na Alemanha)*, ele recorreu a construções ideológicas e a vocabulários – como o saint-simonismo – que são eles próprios emprestados da história intelectual francesa. Todo o enquadramento das transferências culturais se encontra neste exemplo. Além disso, o próprio saint-simonismo, sob sua forma nos anos 1830 com Père Enfantin, é o resultado de uma hibridação entre as tradições francesas e, em seguida, as lições que aqueles indivíduos tiveram com Hegel em Berlim. Percebemos que há a construção de um conjunto de passagens entre um país e outro e, paralelamente, reinterpretções, já que não há passagem sem reinterpretções.

De maneira geral, uma vez que um conceito ou uma prática circula de um país a outro, sentimos a necessidade de realizar essa importação para a obtenção de algo de fora de seu próprio contexto. De partida, isso necessariamente transforma o conteúdo intelectual daquilo que importamos, às vezes até profundamente, até modificar sua natureza mais profunda. Desse modo, assim

¹ Algumas passagens desta entrevista estão publicadas em francês no número da revista de história suíça *Traverse*, 1/2019, na coletânea *La Suisse, une histoire de transferts culturels*.

que há a passagem da filosofia alemã para a França, ela se torna muitas vezes ciência política, pois não se trata mais da ciência política no sistema alemão original. Podemos dizer que essa passagem e essa reinterpretação revelam potencialidades que não estavam presentes no contexto de origem, mas isso nada muda no fato de que se trata precisamente de uma ressemantização.

Alexandre Fontaine: *Para além da ideia de circulação, os mecanismos de ressemantização são centrais para a compreensão do conceito de transferência cultural. Você poderia explicar isso com mais detalhes?*

Michel Espagne: Podemos imaginar que as coisas circulam sem se transformar e essas coisas são, sobretudo, objetos da vida material. Se você transporta uma garrafa de vinho de Bordeaux a São Petersburgo, você terá sempre a mesma garrafa, ainda que devamos sublinhar que os usos e os modos de consumo serão diferentes. Quando se trata de um conceito, as coisas não ocorrem da mesma maneira. No fundo, é importante que sejamos prudentes, pois mesmo o objeto material se transforma. Pegue o exemplo da máscara africana em um museu europeu. Não há mudança na sua estrutura de objeto, mas sua significação é totalmente modificada. Para que a máscara tenha um valor na África, ela deve ser utilizada nos rituais e há museus africanos onde os objetos, para que eles não percam seus valores, são retomados de tempos em tempos nos ritos. Então, temos esse objeto desatado de todo ritual, tal como ele é encontrado em um museu europeu, inspirando talvez o cubismo e tendo seu valor completamente modificado. O objeto torna-se arte ao passo que essa noção é ausente no contexto africano de origem. Pensemos no exemplo da pizza. Se você a saboreia em Nápoles, no Rio de Janeiro ou em Berlim, ela tem um aspecto e um sabor singulares, além de ser consumida em condições totalmente diferentes, ainda que permaneça a ideia de que se trata de uma importação italiana.

Alexandre Fontaine: *Você pensa que há necessariamente uma ressemantização quando há transferência de um objeto de um contexto (cultural) a outro? Mesmo no caso de o contexto de recepção tentar imitar rigorosamente seu “modelo”, tentando algo idêntico?*

Michel Espagne: Penso que sim. Vou tentar imaginar um contra-exemplo, ou seja, algo que não se moveria. No nível das escolas de pensamento, isso parece impossível. Há um exemplo interessante com a história dos comunismos nacionais. Se você pega o comunismo alemão, russo, chinês ou vietnamita, há elementos que são radicalmente diferentes. Nós imaginamos um mesmo corpo de doutrina, é verdade, mas como esse corpo doutrinário é adaptado a uma história nacional, a representações e a uma estética nacional, ele se transforma de maneira mais ou menos radical. No Vietnã, o comunismo é muito nacional. Podemos imaginar que, na China, há reminiscências curiosas da China imperial, etc. Assim, doutrinas que parecem homogêneas no conjunto do planeta, parecem totalmente diferenciadas pela circulação. Podemos ter dúvidas, então,

sobre em que medida o liberalismo econômico é a mesma coisa nos diversos países.

Alexandre Fontaine: *Essa representação implica a ideia de uma valorização da “cópia” que, distanciada ou não do original, não significa que tenha menos legitimidade. Nesse sentido, não há necessidade de alguma prudência também com o conceito de influência, ou seja, um conceito que tende a dissimular a natureza e os conteúdos da tradução?*

Michel Espagne: A noção de influência me incomoda desde o começo, pois ela integra elementos mágicos que funcionam como uma força que se desdobra a partir de um ponto original e é transmitida ao meio. A criação, então, partiria deste ponto de origem. Em vez disso, tenho a impressão de que a criação parte daquele que se inspira em alguma coisa do exterior para recriar um elemento novo. Passamos ao largo de todos esses processos criativos quando permanecemos presos a essa noção de influência, ou seja, de disseminação ou de poder de uma escola de pensamento a partir de um centro.

Inversamente, penso que devemos ter todo o interesse sobre a dimensão criativa dos processos de reinterpretação. Isso é bem curioso, mas podemos dizer que a história intelectual é uma história de reinterpretações e de referências importadas desde a Antiguidade. Notamos que mesmo a *Iliada* e a *Odisseia* foram, em parte, demarcadas por epopeias da Mesopotâmia como a *Epopeia de Gilgamesh*. Contudo, a *Iliada* e a *Odisseia* parecem algo original. Se pensamos igualmente no livro *De rerum natura (Da natureza das coisas)*, de Lucrecio, o texto certamente está fundamentado no atomismo grego e em Demócrito, mas permanece um elemento original e fundamental do pensamento europeu. Enfim, a influência pressupõe as noções de originalidade e de não-originalidade. Encontramos, em Herder, a ideia de que a originalidade é construída. Ela não é dada, tampouco é um fenômeno da natureza, ela é construída. Alguém recebe alguma coisa e a transforma, como se estivesse tomado de originalidade. E esta originalidade não está naquilo que foi recebido, mas no trabalho e no que é construído, ou seja, ela é elaborada.

Alexandre Fontaine: *Como você situa o conceito de transferências culturais em relação a correntes como a história conectada, transnacional ou global?*

Michel Espagne: Há, evidentemente, muitos pontos de contato. É preciso ver também o que as pessoas entendem, caso a caso, por história conectada, transnacional ou global. Há um aspecto da dita história global que me incomoda. Trata-se do fato de que comumente ela acaba estendendo ao conjunto do universo, como generalização, as representações históricas nascidas especialmente nos países anglófonos. Eles mesmos são conscientes disso e penso que a melhor maneira de se prevenir do problema seria levar em conta a densidade das culturas e das línguas. Em outras palavras, para se dedicar às transferências culturais, é preciso se dedicar à filologia. Eu acredito que a história que repousa sobre as transferências culturais é uma história virtualmente

universal, mas que não se lança logo de partida a uma universalidade, o que seria uma universalidade construída entre Londres e Chicago, ignorando o que pode ocorrer no Brasil ou nas montanhas de Anam.

Alexandre Fontaine: *E a história em partes iguais desenvolvida por Romain Bertrand?*

Michel Espagne: Sou muito sensível a ela. A demonstração que me impressiona é a ideia de que pegamos a narrativa histórica fundadora sobre Java em textos essencialmente portugueses e holandeses e temos certo número de eventos organizados por critérios de valor. Quando pegamos os textos locais, o que exige que saibamos as línguas e tenhamos o trabalho de ler os textos, percebemos que esses eventos considerados como fundadores passam completamente despercebidos ou em segundo plano na historiografia produzida localmente. Isso mostra em que medida é até perigoso conceber uma história universal, a partir de Chicago ou Londres, que passaria completamente à margem desses elementos históricos essenciais nas histórias nacionais. Penso que a questão das línguas e das tradições historiográficas múltiplas é absolutamente fundamental. Não podemos partir de um ponto e dizer que vamos fazer história global e, a partir daí, dizer como eu vejo o mundo. Apesar disso, a história em partes iguais infelizmente não avança a ponto de solicitar que os historiadores de Java escrevam uma história dos portugueses.

Alexandre Fontaine: *Chegamos à ideia pela qual você se interessa atualmente, ou seja, convidar colegas estrangeiros a escrever a história de nossas nações?*

Michel Espagne: Isso. A ideia será escrever as histórias das nações que se consideram como depositárias de pleno direito da historiografia. Você conhece os discursos sobre o homem africano, de que ele ainda não está inserido na história. É sintomático, pois é a maneira caricatural de descrever um fato que ainda aparece na prática majoritária da disciplina. Não é de Xangai que escrevemos a história dos Estados Unidos, mas a partir de São Francisco que escrevemos a história da China. Como vemos, história implica poder e os indivíduos não se desobrigam do poder voluntariamente. O conceito de história global deixa um sabor de imperialismo mundial, por isso ela implica muita prudência em seu uso.

Alexandre Fontaine: *Você, que tem contatos com pesquisadores da China, pensa que os chineses têm a pretensão de escrever uma história universal?*

Michel Espagne: Digamos que eles parecem estar maduros para fazê-lo. Não acho que eles o façam ainda completamente, pois estão em uma fase que, para aparecer na dianteira do progresso, leva-os a imitar estritamente todos os modos de pensamento em curso nos lugares mais desenvolvidos do ponto de vista deles, ou seja, nos campi norte-americanos. Eles ainda não estão na fase em

que possam assumir a história global. Ao mesmo tempo, contudo, como há uma forte vontade de reabilitação do papel da China na história, acho que há uma espécie de contradição junto aos chineses, entre um alinhamento para mostrar que eles estão no mais alto nível da ciência mundial e uma vontade de assumir a rédea das coisas. A China é um país complexo pois, como todas as nações que passaram de um estágio de subdesenvolvimento no século XIX a um estágio de alto desenvolvimento atualmente, ela fica muito detida sobre seus valores nacionais e desconfia de tudo que possa dissolver isso.

Ora, e este é um exemplo magnífico de transferência cultural, o budismo não nasceu na China, mas na Índia, e estamos presenciando a tradução que durou séculos, partindo da Ásia Central rumo à China, com traduções do cânone budista que foram um dos grandes empreendimentos literários e intelectuais, na China antiga, a partir do século III. Assim, a cultura chinesa antiga é uma tradução e, a partir do fim do século XIX, ela digere importações em massa advindas do Ocidente; importações que, além disso, passam constantemente pelo Japão. Por volta de 1900, não esqueçamos que o Japão utiliza os mesmos caracteres utilizados na China, ainda que a leitura seja feita de maneira diferente. A partir da Era Meiji, assistimos aos *savants* e aos intelectuais que vem à Europa a fim de serem introduzidos à ciência europeia, como a ciência política ou a filosofia. Esses intelectuais traduzem para o japonês, mas suas traduções são compreensíveis pelos chineses e, então, temos uma tradução da Europa em direção à China tornada possível graças às traduções japonesas. Estou interessado em seguir o complexo itinerário de conceitos como o de estética, que nasce com Alexander Gottlieb Baumgarten em Halle por volta de 1750, passa em seguida pela França e é recuperado pelos japoneses, que o traduzem em seu idioma, mas no japonês formado a partir de caracteres chineses. O termo e seu significado, enfim, foram recuperados pelos chineses.

Eles mesmos estão descobrindo essas traduções e é por isso que tenho projetos, com meus colegas chineses, analisando a *Begriffsgeschichte* (história dos conceitos) pensada em contexto sino-europeu. Não podemos pensar que essas traduções são efetivadas a partir de uma cadeia de perdas sucessivas. Os caracteres chineses, que possuem sua própria história, são combinados com a herança europeia na criação de constelações e sentidos novos.

Alexandre Fontaine: *Algumas transferências culturais parecem de difícil visualização, especialmente pelo fato de que os(as) agentes encarregadas dessas passagens tendem a apagar os empréstimos em benefício de um “gênio nacional”. Além disso, nossos arquivos – quase sempre organizados em contextos nacionais e regionais – não favorecem as pesquisas sobre as mestiçagens e os fenômenos de hibridação. Quais conselhos metodológicos, se não heurísticos, você daria aos(as) pesquisadores(as) que pretendem conduzir trabalhos relacionadas às transferências culturais?*

Michel Espagne: Essa questão dos arquivos é muito interessante e importante. Os arquivos merecem um olhar mais detido sobre sua própria história. Na França, eles nascem durante a revolução de 1789 a partir da ideia de que devemos construir uma memória do corpo da nação, constituindo sobretudo

séries designadas por letras. Há toda uma história sobre a origem dos arquivos na França organizados em dois princípios: os de proveniência (os arquivos que foram recuperados em tal ou qual castelo) e os de pertinência, que implodem tudo isso em função de uma representação feita sobre o corpo social nacional e sobre o que queremos guardar na memória desse mesmo corpo nacional. Mas, nesse processo, o próprio corpo nacional é criado.

Alexandre Fontaine: *O conceito de transferência cultural é comumente associado ao espaço franco-alemão. Apesar disso, a pesquisa sobre o tema tem sido expandida há uma década, sobretudo, para a Rússia, a Ásia, o Vietnã ou a África. A médio prazo, você acredita nessa contínua expansão da pesquisa ou, ao contrário, em uma limitação ao eixo franco-alemão?*

Michel Espagne: Em função das minhas competências linguísticas, eu nunca abandonei completamente o eixo franco-alemão expandido a um eixo franco-alemão-russo. Acho que, para o estudo das transferências culturais de maneira construtiva, é preciso conhecer as historiografias e as línguas locais, o que limita o campo de possibilidades. Dito isso, acho que podemos trabalhar em colaboração com pessoas que conhecem essas línguas. Penso que o estudo das transferências culturais deveria ser estendido, pois ainda não chegou a termo.

O exemplo franco-alemão era um caso, de partida, muito interessante e talvez um pouco fortuitamente ligado às minhas próprias competências. O caso franco-espanhol no século XVII seria também muito pertinente, mas estou certo de que é essencial hoje ultrapassar o espaço europeu e norte-americano *stricto sensu* a fim de estudar casos mais complexos. Na África, por exemplo, há culturas muito fracionadas no plano linguístico que não necessariamente tem tradição escrita, ainda que a própria ideia de ausência de tradição escrita na África seja um pouco colonialista. Quando discuto isso com meus colegas africanos, vemos que na Etiópia, com o ge'ez e a língua amárica, dispomos de textos desde a Idade Média. Os manuscritos de Tombuctu são manuscritos, em geral, em árabe. Não esqueçamos que o árabe é uma memória não somente do Magreb e do mundo árabe, mas da África Subsaariana. Há também tradições historiográficas africanas mesmo que o quadro pareça mais complicado à primeira vista.

Alexandre Fontaine: *Como já dito no preâmbulo da entrevista, o conceito de transferências culturais foi criado nos anos 1980. Quais foram os principais desenvolvimentos e como o conceito tem sido articulado?*

Michel Espagne: O conceito pretendia ser algo aberto, ou seja, não tínhamos a intenção de constituir uma teoria definitiva ou um corpo de doutrina, mas algo que poderia ser expandido em função do interesse das pessoas em relação ao problema, podendo receber elementos novos em termos de construção teórica. Prefiro ficar nessa posição, pois tenho a impressão de que desde o início privilegiamos a extensão do conceito, ou seja, havia no início o caso franco-alemão e depois vimos que esse par não funcionava para introduzir a Itália por

exemplo. A história da arte entre a França e a Alemanha dialoga, antes de tudo, com a Itália do Renascimento. A Alemanha também possui uma fronteira a leste com o mundo eslavo, especialmente com a Rússia e a Polônia. Percebemos que a cultura russa se inspirou fortemente nos modelos alemães transformados e readaptados, para além do que ocorreu na França. Para o estudo das transferências culturais, é importante destacar o estudo da história das traduções, algo menos necessário no mundo russo pois os intelectuais russos conheciam o alemão. Além disso, houve extensões sistemáticas, de modo que as últimas foram em direção à África, à China e ao Vietnã.

Trabalhamos com a Ásia Central, que é o coração do continente eurasiático. Temos ainda a falsa impressão de que, no continente eurasiático, há de um lado a Europa e de outro a Ásia. É o mesmo continente, embora parecesse não haver ligações entre essas duas partes; mas essas ligações existem desde a Antiguidade. A rota da seda nunca existiu no sentido de que haveria pessoas que partiam de Xi'an e chegariam a Istambul. Foram os sistemas de transmissão que funcionaram e essa rota foi praticamente a mesma que, em outro sentido, era a via de tradução do cânone budista. Quando estudamos os manuscritos de Dunhuang encontrados por volta de 1900 nas grutas de Mogao, depreendemos dessa biblioteca fechada e murada no século IX que os manuscritos encontrados foram escritos em diversas línguas: em grego, em hebraico, em siríaco etc. Línguas como o tokharian ou o paleo-uigur parecer ter tido como principal função serem uma etapa entre as línguas da Índia e o chinês. As pessoas traduziam do sânscrito para o paleo-uigur ou o tokharian, em seguida do tocariano ao chinês. Assim, a Ásia Central é um espaço privilegiado para as línguas de transmissão. Então, é muito interessante expandir a reflexão sobre as transferências culturais a todos esses espaços e, cada vez que começamos a descobrir um campo novo, precisamos ter consciência de seus limites. Isso exige conhecimentos muito profundos das culturas e das línguas locais e esses conhecimentos podem conduzir a perspectivas teóricas novas.

Alexandre Fontaine: *Há também extensões disciplinares importantes?*

Michel Espagne: Sim, nós partimos da história das filologias e da história literária antes de passar para a história da filosofia e para a história *tout court*. De maneira geral, a história das ciências humanas é um domínio muito promissor para a pesquisa sobre as transferências culturais. Nós nos interessamos muito pela história da antropologia, por exemplo, e mais particularmente pela chamada antropologia norte-americana fundada por Franz Boas, que é um judeu de Minden (Alemanha) marcado pelo colecionismo dos irmãos Grimm. Isabelle Kalinowski se esforçou para reintroduzi-lo nos debates franceses.² Boas recolheu as lendas dos Kwakiutl no idioma original e estudou, em seguida, as características antropológicas daquele povo. Tudo isso, então, é a filologia alemã da tradição de Grimm e de Humboldt transposta por um judeu alemão no contexto norte-americano.

² ESPAGNE, Michel; KALINOWSKI, Isabelle. **Franz Boas**: le travail du regard. Paris: Armand Colin, 2013.

Alexandre Fontaine: *Boas já colocava em dúvida o comparatismo naquele tempo?*

Michel Espagne: Sim e, para nós, o comparatismo é um conceito para o qual olhamos com muita inquietação. O próprio Boas preferia a noção de “encontro objetivo” à de comparatismo. Ele lançou uma grande empreitada que consistia em estudar a passagem das lendas siberianas na América pelo estreito de Bering. Ele estudou essas coisas não apenas do ponto de vista comparado, mas analisando as migrações linguísticas ou das lendas. Ele certamente teria podido pegar as lendas siberianas e americanas para comparar e encontrar similaridades, mas ele desconfiava do comparatismo fundamentalmente porque o conceito carrega a ideia de um substrato. Esta proposta é muito inquietante, pois bem sabemos que, nos estudos indo-europeus, isso conduz à ideia de que haja um povo de tronco indo-europeu cuja identidade hoje é colocada em questão. E o comparatismo ainda coloca outros problemas, pois a gente raramente compara dois elementos exteriores a seu próprio horizonte cultural. Geralmente comparamos o si mesmo ao outro. Nós não estamos muito bem preparados para que nos apresentemos nesta comparação. Eu me lembro de comparações caricaturais entre o empregado doméstico e o artesão da Alemanha e da Itália desenhadas por comparatistas alemães que acreditavam haver um relaxamento na maneira pela qual os povos meridionais se envolviam com atividades de maneira menos séria do que no contexto germânico. Esse tipo de comparação é assustador. Em síntese, ou chegamos a um substrato ou a uma comparação de si mesmo com o outro – invariavelmente em vantagem de si mesmo. Não nos esqueçamos de que o termo comparar não quer dizer a mesma coisa em todas as línguas. O *Vergleich* alemão designa, antes, um acordo entre duas partes – algo que não existe em francês. Há, de alguma maneira, uma redução da diferença no *Vergleich*, como se a diferença fosse um elemento a ser eliminado. Os comparatismos nacionais são sempre muito específicos e pouco alinhados com a ideia de *to compare*.

Alexandre Fontaine: *Como você avalia os desenvolvimentos futuros do conceito de transferência?*

Michel Espagne: Acho que os desenvolvimentos estão em relação com os canteiros de trabalho abertos neste momento. Na França, a história transnacional integra uma parte importante das transferências culturais e se desenvolve junto a projetos ligados a áreas culturais diferentes ou, ainda que permaneçamos na mesma cultura, a disciplinas diferentes. Há alguns colegas que reivindicam as transferências culturais e trabalham com a história da arte, interessando-se pela circulação das obras através das exposições.³ Uma obra que circula no mundo tem recepção diferente em função do contexto no qual ela é exibida. As exposições são um excelente vetor para o estudo das transferências culturais, especialmente as exposições artísticas. Enormes

³ Consultar: <https://artlas.huma-num.fr>

bancos de dados estão sendo construídos. Outro assunto vasto é a questão dos orientalismos, que exploramos através da figura de Silvestre de Sacy.⁴ Mesmo seu campo de pesquisa sobre a história das pedagogias é igualmente essencial e central.⁵

Alexandre Fontaine: *Muitos pesquisadores, de horizontes diversos, estão utilizando o conceito de transferência cultural, às vezes até formulando ajustes teóricos arriscados. Existe uma transferência cultural relativa à passagem do conceito de transferência cultural?*

Michel Espagne: Na minha opinião, é legítimo que o conceito seja também transferido. O que não é legítimo é o fato de alguém ignorar completamente a história de um campo de pesquisa. Vejo pessoas que criticam o conceito de transferências culturais, afirmando que se trata de ser muito mais sutil e que uma transferência implicaria o deslocamento no espaço de um objeto bruto: uma transferência seria um transporte que negligenciaria a transformação. O conjunto da teoria das transferências, ao contrário, está centrado sobre a ressemantização. A falta de informação me incomoda mas, à parte essa questão, é empolgante pensar que outros encontram um prolongamento que, embora eu ignore, é totalmente possível tendo em vista a apropriação da perspectiva em um contexto totalmente diferente do contexto inicial.

A necessidade de apropriações novas já é evidente no fato de que o conceito de transferência é de difícil tradução. Sei que os colegas que o traduziram em russo ou em chinês tiveram problemas. Eles não conseguiram muito bem conferir sentido ao conceito. Há necessariamente uma tensão semântica para que seja possível circunscrever o conceito. Mas eles assim tentaram e há textos de apresentação em chinês agora. Seja em russo ou em chinês, é possível descrever com precisão o quadro teórico. Penso, então, que é muito legítimo que o conceito seja transferido e muito legítimo que haja uma modificação semântica ligada a essa transferência.

Na história das transferências culturais, há um problema ao qual eu gostaria de retornar: a ideia de fixar os espaços culturais colocados em contato, enquanto esses próprios espaços culturais são atravessados por correntes anteriores que os constituem. Acho que isso não ocorre porque falamos da França ou da Alemanha, porque estudamos por exemplo uma transferência entre esses dois países ou porque esquecemos que a França não é a entidade intangível França e que a Alemanha não é mais a Alemanha. Isso significa que somos obrigados, em certo momento, a falar da passagem de tal elemento da cultura alemã para a França. Quando dizemos que há uma recepção de Hegel na França, não nos esquecemos de que Hegel se nutriu da recepção da Revolução Francesa. Quando se diz da influência da cultura grega sobre a Roma Antiga, não se deve esquecer que a própria Grécia devia muito ao oriente persa ou egípcio. Simplesmente, do ponto de vista linguístico e do ponto de vista dos universais,

⁴ ESPAGNE, Michel; LAFI, Nora; RABAULT-FEUERHAHN, Pascale. **Silvestre de Sacy**: le projet européen d'une science orientaliste. Paris: Cerf, 2016.

⁵ FONTAINE, Alexandre. **Aux heures suisses de l'école républicaine**: un siècle de transferts culturels et de déclinaisons pédagogiques dans l'espace franco-romand. Paris: Demopolis, 2015.

somos obrigados, em certo momento, a empregar palavras que designam uma cultura cuja existência sabemos não haver. A França não existe, tampouco a Alemanha, mas há transferências culturais franco-alemãs.

Alexandre Fontaine: *As pesquisas históricas não param de demonstrar, há algumas décadas, que nossas histórias nacionais são construídas coletivamente por múltiplos empréstimos e que nossos espaços são elaborados a partir de referências estrangeiras. Contudo, assistimos a certo enrijecimento e até fechamento em nossas sociedades. Como você explica esse paradoxo?*

Michel Espagne: Acho que as transferências culturais de maneira alguma apagam os enrijecimentos nacionais. Ao contrário, andam de mãos dadas. Em toda a história das transferências culturais, há a constatação de uma circulação de objetos ressemantizados que são adaptados à nova cultura e que são uma ponte entre as culturas, com uma circulação que sempre serve para consolidar representações estritamente nacionais. O fato de lermos muito Fichte na França no fim do século XIX – notadamente os *Reden an die deutsche Nation (Discursos à nação alemã)* – não implica que esqueçamos os antagonismos nacionais. Eu me interessei pelos estudos antropológicos sobre tribos africanas, os Nuer. Nessas tribos, os grupos vivem por meio de trocas permanentes e, ao mesmo tempo, em uma hostilidade quase estrutural. Pode ser que se trate de uma constante da história humana. Não compreenderíamos as guerras russo-alemãs que foram cruéis entre pessoas que, de certa maneira, compartilhavam a mesma cultura. Pensemos no estupro de Nanquim pelos japoneses. Tratava-se de populações que tinham a mesma religião e os mesmos elementos culturais incansavelmente reimportados e reexportados. As transferências culturais desejam ser um programa pacifista, mas elas não acabam com a existência de uma espécie de ossificação nacionalista – simplesmente, elas desmantelam essa ossificação. Desse ponto de vista, a Suíça é um bom exemplo, pois se trata de um país que se abriu com ares germânicos, francófonos e italianos e, ao mesmo tempo, tem consciência de ser um país à parte, com suas regras próprias, temendo ser invadido.

Alexandre Fontaine: *Devido à intensidade das construções nacionais, o século XIX é de fato o ponto privilegiado pelos historiadores das transferências culturais. Contudo, você já tentou utilizar o conceito de transferência cultural para analisar o hyper-contemporâneo? Não vivemos, hoje, o apogeu da era de declinações anunciada por William Morris em seu texto A era do ersatz, dominada, por exemplo, pela transferência sistemática de programas televisivos em franquia – como o The Voice – e mais ou menos adaptados a contextos de recepção?*

Michel Espagne: Sim, totalmente. A questão dos períodos depende das competências de cada um. Eu trabalhei com o século XIX, período no qual foram elaboradas as nações europeias. Contudo, não podemos considerar que as nações tenham desaparecido nos séculos XX e XXI. Basta olharmos todos os discursos sobre o mundo árabe para percebermos que há alguma coisa como

uma construção identitária fortemente ligada às línguas árabes, ao Corão e ao islã. Ademais, o extremismo islâmico utiliza a internet. Há uma espécie de recuperação de um objeto, importado para a propaganda, que não corresponde à finalidade original da internet.

Quanto às séries de televisão, um elemento chama minha atenção na Rússia pós-perestroika: é o interesse pelas telenovelas. É extraordinário ver uma família russa, em uma casa muito precária, que não quer de modo algum perder o horário do episódio brasileiro, mesmo com uma tradução não muito precisa pois não havia dinheiro suficiente para legendas mais exatas. Uma voz russa se sobreponha à voz em português do Brasil e tudo isso no contexto russo. Talvez a Europa tenha se homogeneizado um pouco e talvez seja interessante estudar o que ocorre no exterior. Mas, mesmo no interior da Europa, tenho algumas dúvidas. As construções identitárias francesas e alemãs estão longe de ter completamente desaparecido, sobretudo quando vemos que as relações franco-alemãs não andam tão boas atualmente. Vivemos em um mundo de transferências e de passagens materiais e intelectuais.

Tradução: Felipe Ziotti Narita

BIBLIOGRAFIA INDICADA

AUBERT-NGUYEN, Hoai Huong; ESPAGNE, Michel. **Le Vietnam**: une histoire de transferts culturels. Paris: Demopolis, 2015.

ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. La construction d'une référence allemande en France (1750-1914): genèse et histoire culturelle. **Annales**, juillet-août, p. 969-992, 1987.

ESPAGNE, Michel; GORSHENINA, Svetlana; GRENET, Frantz; MUSTAFAYEV; Shahin; RAPIN, Claude. **Asie centrale**: transferts culturels le long de la route de la soie. Paris: Vendémiaire, 2016.

ESPAGNE, Michel; GÜRTEKIN DEMIR, R. Gül; VERGER, Stéphane; AVDEMIR, Pinar. **Proceedings of the International Symposium on Izmir from the Past to Present Human and Cultural Interactions (November 4-7 2015, Izmir)**. Izmir, 2017.

ESPAGNE, Michel. Sur les limites du comparatisme en histoire culturelle. **Genèses**, n. 17, p. 112-121, 1994.

_____. **Les transferts culturels franco-allemands**. Paris: PUF, 1999.

_____. **Le creuset allemand**: histoire interculturelle de la Saxe XVIIIe-XIXe siècles. Paris: PUF, 2000.

_____. **En deçà du Rhin**: l'Allemagne des philosophes français au XIXe siècle. Paris: Cerf, 2004.

_____. **L'histoire de l'art comme transfert culturel**: l'itinéraire d'Anton Springer. Paris: Belin, 2009.

_____. La notion de transfert culturel. **Revue Sciences/Lettres**, v. 1, 2013.

_____. **L'ambre et le fossile**: transferts germano-russes dans les sciences humaines XIXe-XXe siècles. Paris: Belin, 2014.

